



BELEZA

Roger Scruton

Fares Camurça Furtado*



* Médico generalista formado pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), membro da Igreja Batista de Novo Juazeiro (Juazeiro do Norte/CE); teólogo, com formação no curso livre de Teologia, com Ênfase em Exegese, pelo Seminário Batista do Cariri (SBC), pós-graduando em Apologética pela Faculdade Batista do Cariri e estudante de Filosofia, atualmente aluno do Curso Online de Filosofia (COF), ministrado pelo professor Olavo de Carvalho. O autor é responsável pelo blog: <https://farescamurcafurtado.wordpress.com/>. e-mail: farescfurtado@gmail.com.

Roger Scruton é um dos principais filósofos conservadores da atualidade. Neste livro, ele tenta preservar o conceito de beleza como uma realidade objetiva, ao contrário do que afirmou Kant. Ele inicia sua discussão a partir da hipótese popular de que o bom e o verdadeiro são valores absolutos, mas que o belo é relativo, subjetivo e dependente do julgamento do observador. Então, tomando tal raciocínio como ponto de partida, ele procura mostrar que tal hipótese não possui evidências plausíveis. Seu *a priori* tem início em alguns chavões (platitudes) estéticos, tais como: a beleza nos agrada; existem graus de beleza; a beleza nos motiva a nos ocuparmos com aquilo que a possui; a beleza é objeto do juízo de gosto; mas este juízo diz respeito ao objeto belo e não ao estado de espírito do sujeito; não existem juízos de beleza de segunda mão.

No capítulo 1, Scruton afirma que a palavra Estética, possuidora de relação etimológica com o sensorial, está além dos sentidos. Afirma ainda que a base para a beleza estética consiste em focalizar no que é apresentado e não na sensação do observador ou ouvinte. Percebe-se que gradualmente ele vai demonstrando as distorções subjetivistas que a Estética sofreu, e ao mesmo tempo apresenta as contribuições do subjetivismo. Porém, ele só revela sua tese no final, fruto de sua argumentação ao longo de 8 capítulos. Inicialmente, ao realizar aplicações das platitudes acima descritas, Scruton analisa quatro tipos de beleza (humana, natural, cotidiana e artística).

No capítulo 2, ao tratar da beleza humana, na qualidade de objeto do desejo (o sétimo chavão), Scruton constrói um argumento convincente que nos faz meditar sobre o desejo que se tem pela pessoa bela. Diante de uma pessoa bela tem-se o desejo despertado por apreender aquela beleza; em geral, isto fica meramente no âmbito do aspecto físico, o que ocasiona certa confusão. Porém, aqui o desejo de possuir o indivíduo no sentido sexual implica em adultério e profanação, se aquele indivíduo já é comprometido. Por outro lado, é natural o desejo sexual ser estimulado em seres humanos, desde que devidamente canalizado. Sendo assim, é possível admirar uma pessoa bela sem desejar possuí-la; a beleza aponta para além daquela pessoa e nos faz meditar na transcendentalidade do belo, que em um facho de efemeridade manifesta-se portentoso no indivíduo jovem, e aparentemente vai perdendo o seu fulgor ao longo dos anos. Seria a beleza efêmera, ou ela é algo que está para além do corpo?

Aqui é que entra a relação entre corpo e personalidade. Quando se foca somente no corpo, conseqüentemente se comete a dessacralização do indivíduo, uma vez que a beleza não está no corpo *per se*. Ao focar-se, contudo, no indivíduo ou pessoa corporificada, lidaremos com a beleza de acordo com os limites de relacionamento que temos com aquele indivíduo e poderemos ir além do corpo e das possíveis deformidades anatômicas, ao perceber que existem aspectos do Belo no corpo e na alma, e uma vez que lidamos com o indivíduo de maneira holística e não segmentada, certamente poderemos ver frestas desta beleza transcendental em todos os homens (apontando para uma conexão direta com a *Imago Dei*). Para exemplificar melhor esta distinção entre foco no corpo em oposição à pessoa corporificada é de grande ajuda o conceito de obscenidade dado por Scruton:

Quando o obscurecimento da pessoa por seu corpo é produzido deliberadamente, estamos no campo da obscenidade. O gesto obsceno é um gesto que revela o corpo como corpo puro, destruindo assim a experiência da corporificação. Ficamos enojados diante da obscenidade pelo mesmo motivo que Platão se enojava diante do desejo físico: ela envolve, por assim dizer, o eclipse da alma pelo corpo. (p. 57).

Scruton termina o capítulo mostrando que a beleza de Maria exposta nos quadros é uma forma do cristianismo católico apresentar o princípio platônico de que a beleza está para além do desejo. Além disto, afirma que até a beleza sexual é contemplativa e não apenas focada no prazer corpóreo.

No capítulo 3, Scruton analisa a beleza natural na qualidade de objeto de contemplação (e aqui faz uma boa distinção entre o belo e o sublime – o belo nos incita ao juízo de gosto e o sublime nos faz tomar ciência de nossa finitude e fragilidade). Observe esta distinção nas belas palavras de nosso autor:

Quando somos atraídos pela harmonia, pela ordem e pela serenidade da natureza, de modo a sentirmo-nos à vontade nela e vermo-nos por ela confirmados, falamos de sua beleza; quando, porém, num precipício acometido pelo vento, experimentamos a vastidão, o poder e a majestade ameaçadora do mundo natural, percebendo nossa própria pequenez diante dele, falamos do sublime (p. 81,82).

No capítulo 4, ele trabalha a beleza cotidiana na qualidade de objeto da razão prática (isto é perceptível nos conceitos de arrumação e organização para as mais simples atividades), além do que esta beleza cotidiana nos aponta não para uma funcionalidade mas para uma apreciação que vai além da função (a disposição de uma mesa para o jantar, uma sala, janelas, arquitetura, etc.) e nos ensina claramente o fato de que existam graus de beleza (é fácil saber isto ao analisar como uma determinada sala, mesa ou casa são mais bonita que outras).

No capítulo 5, é descrita a beleza artística como objeto do gosto. Ele mostra como Hegel transferiu o objeto principal da Estética das paisagens naturais para a manifestação artística. Revela como o subjetivismo banalizou a arte, que antes expressava no teto das capelas mais sublimes, hoje se revela nos mictórios (como a arte se tornou feia e vulgar quando a subjetividade foi centralizada). Scruton nos apresenta o caminho da objetividade estética (só que flexível). Cita Croce como uma referência nos estudos de Estética, mas

acredita que ele falhou em tornar a arte algo totalmente distinto do entretenimento (há um aspecto de entretenimento na arte, sim; mas, não vulgarizemos nem retiremos o sorriso na face daqueles que contemplam a beleza). Ele tece uma distinção entre o imaginário e o fantasioso, sendo a arte relacionada com o primeiro. Para ele, o objetivo da arte é “apresentar mundos imaginários diante dos quais podemos adotar uma postura de interesse imparcial, como parte de uma atitude estética plena” (p. 116, 117). Dialogando com Schiller, Croce e Collingwood, ele nos apresenta a beleza artística em suas diversas nuances (conteúdo, forma, estilo etc.) no que tange à música, literatura e artes plásticas. Isto fica patente no capítulo 6 que retoma a beleza cotidiana na relação existente entre gosto e ordem (e afirma que isto não é subjetivo).

Por fim, nos capítulos 7 e 8, Scruton passa a defender o objetivismo da estética, demonstrando que a nossa geração vive em uma cultura de fuga do belo, num padrão de quebra de paradigmas tradicionais, que eleva a subjetividade estética.

Scruton crê na possibilidade de uma arte erótica, que não nos estimula sexualmente, mas que nos leva a ver a sacralidade da pessoa em sua alma e corpo (cita como exemplo as pinturas *Vênus de Urbino* de Ticiano e *O Nascimento de Vênus* de Botticelli), ao contrário da pornografia leve, que incita a sexualidade e geralmente fugindo do rosto que, para Scruton, consiste no elemento de revelação da individualidade humana. Esta pornografia leve que foge do rosto para o corpo é encontrada nas obras *Olympia*, de Manet; e no *Triunfo de Vênus*, de Boucher. Veja o que ele nos diz sobre a prostituição e como isto relaciona diretamente Ética e Estética:

A condenação da prostituição não era apenas beatice puritana; tratava-se do reconhecimento de uma verdade profunda, qual seja: a de que você e seu corpo não são duas coisas distintas, de modo que vender o corpo endurece a alma. E aquilo que se aplica à prostituição aplica-se também à pornografia. Ela não é um tributo à beleza humana, mas sua dessacralização. (p. 175)

Ele conclui a obra, demonstrando que existe uma relação transcendental diretamente ligada com a beleza, que sempre aponta para algo além da Humanidade (isto, ele aborda ao tratar da sacralização de certos elementos em todas as civilizações e da tentativa de dessacralização em nossa sociedade). Ele não define o que é o belo, reconhece a ambiguidade da palavra, insiste que seu conceito não é o neo-platônico da beleza como um traço do ser, nem revela um conceito de beleza a partir do padrão “unidade na

diversidade”. Ele dá um aperitivo aqui sobre beleza, tratando com maior ênfase na beleza humana, concentrando sua atenção na necessidade de entender o belo como belo em si e não como fruto de nossa percepção. Ele alerta para a necessidade de focalizar em uma beleza objetiva de maneira eloquente: “A beleza está sumindo de nosso mundo porque perdemos o hábito do sacrifício e buscamos sempre evitá-lo” (p. 204). A falsa arte de nosso tempo, atolada como está no *kitsch* (numa imitação barata e corrompida da beleza, tal como duendes de jardim) e na dessacralização, dá sinal disso.

E aqui temos que tomar cuidado no encanto pelas releituras de filmes, contos de fadas, adaptadas para um padrão subjetivo aplicado aos interesses de “minorias” (é o que vemos, por exemplo, nas adaptações homoafetivas de contos de fadas e histórias em quadrinhos). Para Scruton isto é iconoclastia estética. Veja o que ele nos diz neste sentido:

Os artistas, os diretores e os músicos, tal como todos aqueles que se veem ligados às artes, não estão somente fugindo da beleza: eles também desejam maculá-la em atos de iconoclastia estética. Sempre que a beleza se encontra à espreita, o desejo de suprimir seu encanto pode intervir, a fim de que sua voz distante não seja ouvida por trás das cenas de dessacralização. A beleza, afinal, nos exorta a algo: ela nos convida a renunciar ao nosso narcisismo e a contemplar com reverência o mundo (pp. 183,184).

O livro parece ser um aperitivo para algumas de suas obras, dentre as quais assumem relevância: *The Aesthetics of Architecture* (Princeton, 1979), *The Aesthetics of Music* (Oxford, 1997) e *The Aesthetics Understanding* (Sound Bend, 1998), onde trata melhor da objetividade da estética na arquitetura, música e nas artes. Sua insistência na beleza como beleza em si e sua boa argumentação a partir das 7 platitudes (chavões) apresentadas não conseguiu explicar como essa beleza em si é apreendida a partir do objeto e não a partir das reações sensoriais provenientes de tal contemplação. Entretanto, reconheço que Scruton possui uma lógica formidável nos demais pontos de sua obra. No final, encontramos notas e indicações bibliográficas gerais e específicas, bem como um valioso índice onomástico.

Endosso esta obra, com a restrição acima mencionada, mas deixo claro aqui que o escrito em si é uma obra-prima na arte da escrita (apesar de ser uma obra difícil para iniciantes em leituras de Filosofia Estética). Levando-se em conta, contudo, os princípios básicos de leitura ensinados por Mortimer Adler e Charles Van Doren, na celebrada obra *Como Ler Livros*, o leitor pode entender melhor a argumentação.

Como uma obra introdutória no campo da Estética, *Beleza*, de Roger Scruton, nos dá melhor acessibilidade a nomes como Platão, Kant, Croce, Hegel, Schiller, Gilson e Edmundo Burke, mas não pode ser o paradigma estético para lermos tais autores, pois a melhor exegese de um autor é o seu próprio escrito e não o seu comentarista.

Uma análise honesta da obra nos leva a perceber a fragilidade de uma estética meramente subjetivista, que por sinal é o paradigma social de Estética. Aliás, até para afirmar que a beleza, como tem sido transmitida em nossa geração está cada vez mais feia e banalizada, o que é reconhecido tanto por subjetivistas honestos quanto por objetivistas, é preciso dar crédito às 7 platitudes expostas no livro. Não seria isto uma indicação de que existe um padrão objetivo? Nossa estética em última instância não revela nossa moralidade? É nisto que Scruton crê e creio que argumentou muito bem neste livro.

Como bem afirma o teólogo Guilherme de Carvalho, diretor de L'Abri Fellowship Brasil, em muitas de suas palestras, fazendo eco a esta obra magnífica de Scruton, a Estética, de fato, é objetiva, mesmo que a arte possa ser vislumbrada ao longo da diversidade estética, parecendo apontar para a mera subjetividade. No entanto, em geral, os adeptos de uma visão subjetiva da Estética não conseguem vislumbrar a unidade e a harmonia que a diversidade estética possui em seu conjunto (assim como notas dissonantes em uma bela composição só fazem sentido em sua integração com o todo da harmonização do compositor). Scruton é, portanto, uma referência acadêmica contemporânea para a academia cristã que deseja se aprofundar em estudos de Filosofia Estética.

REFERÊNCIA:

SCRUTON, Roger. **Beleza**. São Paulo: É realizações, 2013.